



Leon Degrelle

A História da Waffen-SS



Leon Degrelle

A História da Waffen-SS



Libro & Moschetto Fascista Perfetto

Senhoras e Senhores:

Pediram-me que lhes falasse sobre o grande desconhecido da Segunda Guerra Mundial: a Waffen SS.

É de certo modo surpreendente que a organização que foi ao mesmo tempo política e militar e que, durante a Segunda Guerra Mundial, reuniu mais de um milhão de voluntários combatentes, ainda seja oficialmente ignorada.

Por quê?

Por que é que o registro oficial ainda praticamente ignora esse extraordinário exército de voluntários? Um exército que esteve no epicentro da mais gigantesca das lutas, afetando o mundo inteiro.

A resposta pode muito bem ser encontrada no fato de que a característica mais marcante da Waffen SS era ser composta por voluntários de cerca de trinta países diferentes. Que causa os reuniu e por que ofereceram suas vidas como voluntários?

Seria um fenômeno alemão? No início, sim.

Inicialmente, a Waffen SS contava com menos de duzentos membros. Cresceu de forma constante até 1940, quando evoluiu para uma segunda fase: a Waffen SS germânica. Além de alemães da Alemanha, europeus do noroeste e descendentes de alemães de toda a Europa se alistaram.

Então, em 1941, durante o grande confronto com a União Soviética, surgiu a Waffen SS europeia. Jovens dos países mais distantes lutaram juntos na frente russa.

Durante a maior parte dos anos que antecederam a guerra, ninguém sabia praticamente nada sobre a Waffen SS. Os próprios alemães levaram algum tempo para reconhecer a singularidade da Waffen SS.

Hitler chegou à chancelaria democraticamente, vencendo nas urnas. Ele conduzia campanhas eleitorais como qualquer outro político. Participava de comícios, anunciava-se em outdoors, e sua mensagem atraía plateias numerosas. Cada vez mais pessoas gostavam do que ele dizia e cada vez mais pessoas elegeram membros de seu partido para o congresso. Hitler não chegou ao poder pela força, mas foi devidamente eleito pelo povo e devidamente empossado como Chanceler pelo Presidente da Alemanha, o General von Hindenburg. Seu governo era legítimo e democrático. Na verdade, apenas dois de seus seguidores foram incluídos no Gabinete.

Mais tarde, ele sempre conseguiu, por meio do processo eleitoral, aumentar sua maioria. Quando algumas eleições lhe deram até 90% dos votos, Hitler conquistou cada voto por mérito próprio.

Durante suas campanhas, Hitler enfrentou inimigos formidáveis: o establishment do poder, que não tinha o menor escrúpulo em manipular o processo eleitoral. Ele teve que enfrentar o establishment de Weimar, seus partidos de esquerda e liberais bem financiados e o bloco altamente organizado de seis milhões de membros do Partido Comunista. Apenas a luta mais corajosa e incansável para convencer as pessoas a votar nele permitiu que Hitler obtivesse uma maioria democrática.

Naqueles dias, a Waffen SS ainda não era nem um fator. Havia, é claro, a SA, com cerca de três milhões de homens. Eles eram membros de base do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores, mas certamente não constituíam um exército.

Sua função principal era proteger os candidatos do partido da violência comunista. E a violência era de fato assassina: mais de quinhentos nacional-socialistas foram mortos pelos comunistas. Milhares ficaram gravemente feridos.

A SA era uma organização voluntária, não governamental, e assim que Hitler chegou ao poder, ele não pôde mais contar com sua ajuda. Ele teve que atuar dentro do sistema para o qual fora eleito para servir.

Ele chegou em uma situação de desvantagem. Tinha que enfrentar uma burocracia enraizada, nomeada pelo antigo regime. De fato, quando a guerra começou em 1939, 70% dos burocratas alemães haviam sido nomeados pelo antigo regime e não pertenciam ao partido de Hitler. Hitler não podia contar com o apoio da hierarquia da Igreja. Tanto os grandes empresários quanto o Partido Comunista eram totalmente hostis aos seus programas. Além de tudo isso, havia extrema pobreza e seis milhões de trabalhadores desempregados.

Nenhum país da Europa jamais conheceu tantas pessoas sem trabalho. Assim, aqui está um homem bastante isolado. Os três milhões de membros da SA não estão no governo. Eles votam e ajudam a vencer as eleições, mas não podem substituir a burocracia enraizada nos cargos governamentais. A SA também não conseguia exercer influência sobre o exército, porque a alta cúpula, temerosa da concorrência, era hostil à SA.

Essa hostilidade atingiu um ponto tal que Hitler se viu diante de um dilema angustiante. O que fazer com os milhões de seguidores que o ajudaram a chegar ao poder? Ele não podia abandoná-los.

O exército era uma estrutura de poder altamente organizada. Embora tivesse apenas 100.000 membros, conforme ditado pelo Tratado de Versalhes, exercia grande influência nos assuntos do estado. O Presidente da Alemanha era o Marechal de Campo von Hindenburg. O exército era

uma casta privilegiada. Quase todos os oficiais pertenciam às classes altas da sociedade.

Era impossível para Hitler enfrentar o poderoso exército de forma frontal. Hitler foi eleito democraticamente e não poderia fazer o que Stalin fez: mandar fuzilar todo o estabelecimento militar. Stalin matou trinta mil oficiais de alta patente.

Essa foi a maneira de Stalin de abrir espaço para seus próprios comissários de confiança.

Tais métodos drásticos não poderiam ocorrer na Alemanha e, ao contrário de Stalin, Hitler estava cercado por inimigos internacionais. Sua eleição provocara a ira internacional. Ele foi diretamente aos eleitores, sem o intermédio dos partidos do establishment. A plataforma de seu partido incluía um apelo à pureza racial na Alemanha, bem como a devolução do poder ao povo. Tais princípios enfureceram tanto a comunidade judaica mundial que, em 1933, ela declarou oficialmente guerra à Alemanha.

Ao contrário do que se costuma dizer, Hitler tinha poder limitado e estava bastante sozinho. Como esse homem sobreviveu a esses primeiros anos desafia a compreensão. Somente o fato de Hitler ser um gênio excepcional explica sua sobrevivência contra todas as probabilidades. No exterior e em casa, Hitler teve que se esforçar ao máximo apenas para demonstrar sua boa vontade.

Tais métodos drásticos não poderiam ocorrer na Alemanha e, ao contrário de Stalin, Hitler estava cercado por inimigos internacionais. Sua eleição provocara a ira internacional. Ele foi diretamente aos eleitores, sem o intermédio dos partidos do establishment. A plataforma de seu partido incluía um apelo à pureza racial na Alemanha, bem como a devolução do poder ao povo. Tais princípios enfureceram tanto a comunidade judaica mundial que, em 1933, ela declarou oficialmente guerra à Alemanha.

Ao contrário do que se costuma dizer, Hitler tinha poder limitado e estava bastante sozinho. Como esse homem sobreviveu a esses primeiros anos desafia a compreensão.

Somente o fato de Hitler ser um gênio excepcional explica sua sobrevivência contra todas as probabilidades. No exterior e em casa, Hitler teve que se esforçar ao máximo apenas para demonstrar sua boa vontade.

Mas, apesar de todos os seus esforços, Hitler estava sendo gradualmente encurralado. A rivalidade entre a SA e o exército estava chegando ao auge. Seu antigo camarada, Ernst Röhm, chefe da SA, queria

seguir o exemplo de Stalin e eliminar fisicamente a cúpula do exército. O confronto resultou na morte de Röhm, seja por suicídio ou assassinato, e de muitos de seus assistentes, com o exército recolhendo os destroços e colocando a SA de volta em seu lugar.

Naquela época, a única SS existente na Alemanha estava na guarda pessoal do Chanceler Hitler: cento e oitenta homens no total. Eram jovens de qualidades excepcionais, mas sem qualquer papel político. Suas funções consistiam em guardar a Chancelaria e apresentar armas a dignitários visitantes.

Foi a partir desse grupo minúsculo de 180 homens que, alguns anos depois, surgiria um exército de um milhão de soldados. Um exército de valor sem precedentes, estendendo seu chamado por toda a Europa.

Depois que Hitler se viu obrigado a reconhecer a superioridade do exército, percebeu que a cúpula jamais apoiaria seus programas sociais revolucionários. Era um exército de aristocratas.

Hitler era um homem do povo, um homem que conseguiu eliminar o desemprego, feito ainda não superado até hoje. Em dois anos, deu trabalho a seis milhões de alemães e acabou com a pobreza desenfreada.

Em cinco anos, o trabalhador alemão dobrou sua renda sem inflação. Centenas de milhares de belas casas foram construídas para os trabalhadores a custo mínimo. Cada casa tinha um jardim para cultivar flores e hortaliças. Todas as fábricas foram providas de campos esportivos, piscinas e oficinas atraentes e decentes.

Pela primeira vez, foram criadas férias remuneradas. Comunistas e capitalistas jamais haviam oferecido férias pagas; essa foi uma criação de Hitler. Ele organizou os famosos programas “Força Através da Alegria”, que permitiam aos trabalhadores, a preços acessíveis, embarcar em navios de passageiros e visitar qualquer parte do mundo.

Todas essas melhorias sociais não agradaram ao establishment. Os magnatas dos grandes negócios e os banqueiros internacionais ficaram preocupados. Mas Hitler enfrentou-os. Os negócios podem gerar lucros, mas somente se as pessoas forem remuneradas de forma decente e puderem viver e trabalhar com dignidade. As pessoas, e não os lucros, vêm em primeiro lugar.

Essa foi apenas uma das reformas de Hitler. Ele iniciou centenas de outras. Literalmente, reconstruiu a Alemanha. Em poucos anos, mais de cinco mil milhas de rodovias foram construídas. Para o trabalhador, foi criado o acessível Volkswagen. Qualquer trabalhador podia adquirir esse carro pagando cinco marcos por semana. Era algo sem precedentes na

Europa. Graças às rodovias, o trabalhador pôde, pela primeira vez, visitar qualquer parte da Alemanha sempre que quisesse. Os mesmos programas foram aplicados aos agricultores e à classe média.

Hitler percebeu que, se suas reformas sociais fossem prosseguir sem sabotagem, ele precisaria de uma alavanca poderosa, uma alavanca que inspirasse respeito.

Hitler ainda não confrontava o exército, mas começou habilmente a desenvolver a SS. Ele precisava desesperadamente da SS porque, acima de tudo, Hitler era um homem político; para ele, a guerra era o último recurso. Seu objetivo era convencer as pessoas, conquistar sua lealdade, particularmente a da geração mais jovem. Ele sabia que a cúpula, com mentalidade do establishment, se oporia a ele a todo momento. E ele estava certo. Através dos oficiais de alta patente, o establishment conspirou para derrubar o governo de Hitler, democraticamente eleito. Conhecido como a Conspiração de Munique, os conspiradores foram descobertos a tempo. Isso ocorreu em 1938.

Em 20 de julho de 1944, Hitler quase perdeu a vida quando oficiais aristocráticos colocaram uma bomba-relógio sob sua escrivaninha.

Para não alertar o exército, Hitler ampliou a SS, transformando-a em uma força responsável pela lei e pela ordem.

Havia, é claro, uma força policial alemã, mas, novamente, Hitler não tinha certeza de sua lealdade. Os 150.000 policiais haviam sido nomeados pelo regime de Weimar. Hitler precisava da SS não apenas para detectar conspirações, mas principalmente para proteger suas reformas. À medida que sua unidade inicial Leibstandarte, de 180 homens, crescia, outros regimentos foram criados, como o Deutschland e o Germania.

A cúpula do exército fez tudo para impedir o recrutamento para a SS. Hitler contornou os obstáculos fazendo com que o ministro do Interior, e não o Ministério da Guerra, realizasse o recrutamento.

O exército reagiu desencorajando o recrutamento de homens entre 18 e 45 anos. Sob a justificativa de defesa nacional, os soldados rasos eram obrigados a servir quatro anos, os suboficiais doze e os oficiais vinte e cinco anos.

Acreditava-se que tais ordens parariam o recrutamento da SS completamente. O contrário aconteceu.

Milhares de jovens se apressaram para se inscrever, apesar do longo tempo de serviço, mais do que poderia ser aceito.

Os jovens sentiam que a SS era a única força armada que representava suas próprias ideias.

As novas formações de jovens da SS cativavam a imaginação do público. Vestida com elegantes uniformes pretos, a SS atraía cada vez mais jovens. Foram necessários dois anos, de 1933 a 1935, e uma constante batalha de astúcia com o exército para levantar uma força de 8.000 homens da SS.

Naquela época, o nome Waffen SS sequer existia. Só em 1940, após a campanha da França, a SS passaria a ser oficialmente chamada de “Waffen SS”. Em 1935, eram chamadas simplesmente de SS. No entanto, 8.000 homens da SS não representavam muito em um país de 80 milhões de habitantes. E Hitler ainda precisava encontrar outra maneira de contornar o exército. Ele criou o corpo de guardas Totenkopf. Eram, na verdade, SS disfarçados, mas sua função oficial era guardar os campos de concentração.

O que eram esses campos de concentração?

Eram apenas campos de trabalho onde comunistas considerados intratáveis eram colocados para trabalhar. Eram bem tratados porque se acreditava que, mais cedo ou mais tarde, seriam convertidos ao patriotismo. Havia dois campos de concentração com um total de três mil homens. Três mil de um total de seis milhões de membros registrados do Partido Comunista. Isso representa um para cada dois mil. Até o início da guerra, havia menos de dez mil internos.

Assim, a estratégia do Totenkopf produziu quatro regimentos. No momento oportuno, eles se uniriam à SS. O Totenkopf manteve um perfil discreto por meio de um elaborado sistema de recrutamento de reservas, a fim de manter sua força pouco visível.

No início da guerra, o Totenkopf contava com 40.000 homens. Eles seriam distribuídos em 163 unidades separadas. Enquanto isso, o

regimento inicial Leibstandarte chegou a 2.800 homens, e um quarto regimento foi formado em Viena na época do Anschluss.

Os jovens que ingressavam na SS eram treinados como em nenhum outro exército do mundo. A instrução militar e acadêmica era intensa, mas era o treinamento físico o mais rigoroso. Praticavam esportes com excelência. Cada um deles teria se destacado nos Jogos Olímpicos. A extraordinária resistência física da SS na frente russa, que tanto impressionou o mundo, deveu-se a esse treinamento intensivo.

Havia também o treinamento ideológico. Eles eram ensinados sobre por que estavam lutando, que tipo de Alemanha estava sendo restaurada diante de seus próprios olhos. Era-lhes mostrado como a Alemanha estava sendo unida moralmente por meio da reconciliação entre as classes e unida fisicamente através do retorno das terras alemãs perdidas. Tornavam-se conscientes de seu vínculo com todos os outros alemães que viviam em terras estrangeiras, na Polônia, na Rússia, nos Sudetos e em outras partes da Europa. Eram ensinados de que todos os alemães representavam uma unidade étnica.

Os jovens da SS eram educados em duas academias militares, uma em Bad Tölz e a outra em Braunschweig. Essas academias eram totalmente diferentes dos sombrios quartéis do passado. Combinando estética com a mais recente tecnologia, estavam localizadas no meio de centenas de hectares de belas paisagens.

Hitler era contrário a qualquer guerra, particularmente na Europa Ocidental. Ele sequer concebia que a SS pudesse participar de tal guerra. Acima de tudo, a SS era uma força política. Hitler via os países ocidentais como culturas individuais que poderiam ser federadas, mas certamente não conquistadas. Ele considerava que um conflito dentro do Ocidente seria uma guerra civil sem vencedores.

A concepção de Europa de Hitler, então, estava muito à frente de seus vizinhos. A mentalidade de 1914-1918, quando pequenos países lutavam contra outros pequenos países por pedaços de território, ainda predominava na Europa de 1939. Não era assim no caso da União

Soviética, onde o internacionalismo substituíra o nacionalismo. Os comunistas jamais tiveram como objetivo servir aos interesses da Rússia. O comunismo não se limita a adquirir parcelas de território, mas visa à dominação total do mundo.

Este era um fator dramaticamente novo. Essa política de conquista mundial ainda estaria sendo levada adiante hoje, seja no Vietnã, no Afeganistão, na África ou na Polônia. Na época, tratava-se de um conceito inteiramente novo.

Sozinho entre todos os líderes do mundo, Hitler via esse conceito como uma ameaça igual para todas as nações.

Hitler recordava vividamente a devastação que os comunistas desencadearam na Alemanha ao final da Primeira Guerra Mundial. Particularmente em Berlim e na Baviera, os comunistas, sob ordens estrangeiras, organizaram um estado dentro do estado e quase tomaram o poder. Para Hitler, tudo apontava para o Leste. A ameaça era o comunismo.

Além de sua falta de interesse em subjugar a Europa Ocidental, Hitler estava bem ciente de que não poderia travar uma guerra em duas frentes.

Nesse ponto, em vez de deixar Hitler combater o comunismo, os Aliados tomaram a decisão fatal de atacar Hitler.

As chamadas democracias ocidentais aliaram-se à União Soviética com o propósito de cercar e destruir o governo democrático da Alemanha.

O Tratado de Versalhes já havia amputado a Alemanha por todos os lados. Foi concebido para manter a Alemanha em um estado permanente de colapso econômico e impotência militar. Os Aliados haviam ratificado uma série de tratados com a Bélgica, a recém-criada Tchecoslováquia, a Iugoslávia, a Polônia e a Romênia para pressionar a Alemanha por todos os lados.

Agora, no verão de 1939, os governos da Grã-Bretanha e da França estavam negociando secretamente uma aliança militar completa com a União Soviética. As negociações ocorreram em Moscou, e as atas foram assinadas pelo Marechal Zhukov.

Tenho essas atas em minha posse. Elas são estarrecedoras. Pode-se ler um relatório garantindo à Grã-Bretanha e à França a participação soviética contra a Alemanha. Após a ratificação, a União Soviética deveria fornecer às forças anglo-francesas o apoio imediato de 5.500 aviões de combate, além do respaldo de toda a força aérea soviética. Entre 9.000 e 10.000 tanques também seriam disponibilizados. Em troca, a União Soviética exigia os Estados Bálticos e livre acesso à Polônia. O plano previa um ataque conjunto antecipado.

A Alemanha ainda estava minimamente armada naquele estágio. Os negociadores franceses perceberam que os 10.000 tanques soviéticos logo destruiriam os 2.000 tanques alemães, mas não perceberam que seria improvável que eles parassem na fronteira francesa. Da mesma forma, o governo britânico estava bastante disposto a permitir que os soviéticos tomassem a Europa.

Diante de um cerco total, Hitler decidiu mais uma vez buscar sua própria paz com um ou outro lado da parceria soviético-britânica.

Ele recorreu aos governos britânico e francês e solicitou negociações formais de paz. Sua busca pela paz foi respondida com uma enxurrada de insultos e denúncias. A imprensa internacional entrou em uma verdadeira orgia de ódio contra Hitler, sem precedentes na história. É impressionante reler esses jornais hoje.

Quando Hitler fez gestos semelhantes de paz para Moscou, surpreendeu-se ao constatar que os soviéticos estavam ansiosos para assinar um tratado de paz com a Alemanha. Na verdade, Stalin não assinou o tratado com o propósito de paz. Ele assinou para deixar que a Europa se destruísse em uma guerra de desgaste, ao mesmo tempo em que lhe dava tempo para aumentar sua força militar.

A real intenção de Stalin é revelada nas atas do Alto Comando Soviético, também em minha posse. Stalin declara sua intenção de entrar na guerra no momento em que Hitler e as potências ocidentais se aniquilassem mutuamente. Stalin tinha grande interesse em ganhar tempo e deixar que outros lutassem primeiro. Li seus planos militares e vi como

foram realizados. Em 1941, os dez mil tanques de Stalin haviam aumentado para 17.999; no ano seguinte, teriam chegado a 32.000, dez vezes mais do que os da Alemanha. A força aérea também teria uma proporção de 10 para 1 a favor de Stalin.

Na mesma semana em que Stalin assinou o tratado de paz com Hitler, deu ordens para construir 96 aeródromos na fronteira ocidental da União Soviética, sendo planejados 180 para o ano seguinte. Sua estratégia era constante: “Quanto mais as potências ocidentais se enfrentarem, mais fracas se tornarão. Quanto mais eu esperar, mais forte me tornarei.” Foi sob essas circunstâncias terríveis que começou a Segunda Guerra Mundial, uma guerra oferecida aos soviéticos em bandeja de prata.

Ciente dos preparativos de Stalin, Hitler sabia que teria de enfrentar o comunismo mais cedo ou mais tarde. E, para combater o comunismo, precisava contar com homens totalmente leais, homens que lutassem por uma ideologia contra outra ideologia. Sempre foi política de Hitler opor à ideologia da guerra de classes uma ideologia de cooperação entre as classes.

Hitler havia observado que a guerra de classes marxista não trouxera prosperidade ao povo russo. Os trabalhadores russos estavam mal vestidos, como ainda estão, mal alojados e mal alimentados. Os bens eram sempre escassos e, até hoje, a habitação em Moscou é tão problemática quanto era antes da guerra. Para Hitler, o fracasso da guerra de classes fazia da cooperação entre as classes a única alternativa justa. Para que funcionasse, Hitler cuidava para que uma classe não pudesse abusar da outra.

É um fato que as classes recém-ricas, surgidas da Revolução Industrial, haviam abusado enormemente de seus privilégios, e foi por essa razão que os nacional-socialistas eram socialistas.

O Nacional-Socialismo era um movimento popular no sentido mais verdadeiro. A grande maioria dos nacional-socialistas eram operários. Setenta por cento da Juventude Hitlerista eram filhos de trabalhadores braçais. Hitler venceu as eleições porque a grande massa de trabalhadores o apoiava firmemente. Muitas vezes, pergunta-se por que seis milhões de

comunistas, que haviam votado contra Hitler, abandonaram o comunismo após sua eleição em 1933. Há apenas uma razão: eles testemunharam e experimentaram os benefícios da cooperação entre classes. Alguns dizem que foram forçados a mudar; isso não é verdade. Como outros alemães leais, lutaram quatro anos na Frente Russa com distinção.

Os trabalhadores jamais abandonaram Hitler, mas as classes altas o fizeram. Hitler expôs sua fórmula de cooperação entre classes como resposta ao comunismo com estas palavras: “Cooperação entre classes significa que os capitalistas jamais tratarão os trabalhadores como meros componentes econômicos. O dinheiro é apenas uma parte de nossa vida econômica; os trabalhadores são mais do que máquinas às quais se entrega um contracheque toda semana. A verdadeira riqueza da Alemanha são seus trabalhadores.”

Hitler substituiu o ouro pelo trabalho como fundamento de sua economia. O Nacional-Socialismo era o exato oposto do comunismo. Realizações extraordinárias se seguiram à eleição de Hitler.

Sempre ouvimos falar de Hitler e os campos, Hitler e os judeus, mas nunca ouvimos falar de seu imenso trabalho social. Se tanto ódio foi gerado contra Hitler pelos banqueiros internacionais e pela imprensa servil, foi por causa de seu trabalho social. É óbvio que um movimento popular genuíno como o Nacional-Socialismo iria colidir com os interesses egoístas das altas finanças. Hitler deixou claro que o controle do dinheiro não conferia o direito de exploração voraz de um país inteiro, porque também existem pessoas vivendo nesse país, milhões delas, e essas pessoas têm o direito de viver com dignidade e sem necessidade. O que Hitler dizia e praticava conquistou a juventude alemã. Foi essa revolução social que a SS se sentiu compelida a espalhar por toda a Alemanha e a defender com suas vidas, se necessário.

A guerra de 1939 na Europa Ocidental desafiava toda a razão. Foi uma guerra civil entre aqueles que deveriam estar unidos. Foi uma monstruosa estupidez.

Os jovens da SS foram treinados para liderar a nova revolução nacional-socialista. Em cinco ou dez anos, eles deveriam substituir todos aqueles que haviam sido colocados em cargos pelo antigo regime.

Mas, no início da guerra, não era possível que esses jovens ficassem em casa. Como os outros jovens do país, eles tinham de defender sua pátria — e defendê-la melhor do que os demais.

A guerra transformou a SS de uma força política doméstica em um exército nacional atuando no exterior e, depois, em um exército supranacional.

Estamos agora no início da guerra na Polônia, com suas consequências de longo alcance. A guerra poderia ter sido evitada? Enfaticamente, sim! Mesmo depois de ter avançado para a Polônia.

O conflito de Danzig era irrelevante. O Tratado de Versalhes havia separado a cidade alemã de Danzig da Alemanha e a entregue à Polônia, contra a vontade de seus cidadãos.

Essa ação foi tão ultrajante que foi condenada em todo o mundo. Uma grande parte da Alemanha foi cortada ao meio. Para ir da Prússia Ocidental à Prússia Oriental, era necessário viajar em um trem lacrado por território polonês. Os cidadãos de Danzig haviam votado 99% a favor de ter sua cidade devolvida à Alemanha. Seu direito de autodeterminação fora consistentemente ignorado.

No entanto, a guerra na Polônia começou por razões diferentes da autodeterminação de Danzig ou mesmo da Polônia.

A Polônia, poucos meses antes, havia atacado a Tchecoslováquia, exatamente no momento em que Hitler devolvera os Sudetos à Alemanha. Os poloneses estavam dispostos a colaborar com Hitler. Se a Polónia se voltou contra a Alemanha, foi porque o governo britânico fez tudo ao seu alcance para envenenar as relações germano-polonesas.

Por quê?

Muito se deve a um complexo de inferioridade de longa data que os governantes britânicos sentiam em relação à Europa. Esse complexo se

manifestou na obsessão do Establishment britânico em manter a Europa fraca por meio de guerras e dissensões.

Na época, o Império Britânico controlava 500 milhões de pessoas fora da Europa, mas de algum modo estava mais preocupado com seu hobby tradicional: semear a discórdia na Europa. Essa política de nunca permitir o surgimento de um país europeu forte tem sido o *modus operandi* do Establishment britânico por séculos.

Quer se tratasse de Carlos V da Espanha, Luís XIV da França, Napoleão da França ou Guilherme II da Alemanha, o Establishment britânico nunca tolerou qualquer poder unificador na Europa.

A Alemanha nunca quis se intrometer nos assuntos britânicos. No entanto, o Establishment britânico sempre se esforçou para interferir nos assuntos europeus, particularmente na Europa Central e nos Bálcãs.

A entrada de Hitler em Praga fez com que os britânicos corressem para intervir. Praga e a Boêmia faziam parte da Alemanha há séculos e sempre estiveram dentro da esfera de influência alemã. A intromissão britânica nessa região era totalmente injustificada.

Para a Alemanha, o regime de Praga representava uma grave ameaça. Benes, o servil sátrapa tcheco de Stalin, havia recebido ordens de seus mestres no Kremlin para abrir suas fronteiras às tropas comunistas a qualquer momento. Praga deveria ser a plataforma soviética para a Alemanha.

Para Hitler, Praga era uma torre de vigia para a Europa Central e um posto avançado para atrasar uma invasão soviética. Havia também os históricos vínculos econômicos de Praga com a Alemanha. A Alemanha sempre manteve ligações econômicas com a Europa Central. Romênia, os Bálcãs, Bulgária, Hungria e Iugoslávia possuíam economias complementares de longa data com a Alemanha, que funcionam até hoje.

A política econômica europeia de Hitler baseava-se no bom senso e no realismo. E foi o emergente Mercado Comum da Europa Central de Hitler, e não a preocupação com a liberdade tcheca, que o Establishment britânico não podia tolerar.

Ainda assim, o povo inglês sentia grande admiração por Hitler. Lembro-me quando Lloyd George se dirigiu à imprensa alemã fora da residência de Hitler, onde acabara de ser seu convidado. Ele declarou: “Vocês podem agradecer a Deus por terem um homem tão maravilhoso como seu líder!” Lloyd George, inimigo da Alemanha durante a Primeira Guerra Mundial, disse isso!

O rei Eduardo VIII da Inglaterra, que havia acabado de abdicar e agora era o duque de Windsor, também foi visitar Hitler em sua residência em Berchtesgaden, acompanhado de sua esposa, que, por coincidência, havia sido usada para forçar sua abdicação. Quando retornaram, o duque enviou um telegrama a Hitler que dizia: “Que dia maravilhoso passamos com Vossa Excelência. Inesquecível!”

O duque refletia o que muitos ingleses sabiam, comentando sobre “como os trabalhadores alemães estavam bem de vida.” O duque dizia a verdade. O trabalhador alemão ganhava o dobro, sem inflação, do que ganhava antes de Hitler e, conseqüentemente, seu padrão de vida era elevado.

Mesmo Churchill, o mais fanático inimigo da Alemanha, havia, em 1938, um ano antes da guerra, enviado uma carta a Hitler na qual escreveu: “Se algum dia a Grã-Bretanha fosse mergulhada em um desastre comparável ao que afligiu a Alemanha em 1918, eu pediria a Deus que nos enviasse um homem com a força e o caráter de Vossa Excelência.”

O *London Times* noticiou essa declaração extraordinária.

Amigo ou inimigo, todos reconhecem que Hitler era um homem de gênio excepcional. Suas conquistas eram a inveja do mundo. Em apenas cinco anos, ele reconstruiu uma nação falida, sobrecarregada por milhões de desempregados, transformando-a na mais forte potência econômica da Europa. Era tão forte que o pequeno país que era a Alemanha conseguiu resistir a uma guerra contra o mundo inteiro por seis anos.

Churchill reconheceu que ninguém no mundo poderia igualar tal feito. Declarou, pouco antes da guerra: “não há dúvida de que podemos elaborar uma fórmula de paz com Hitler.” Mas Churchill recebeu outras

instruções. O Establishment, temeroso de que os sucessos de Hitler na Alemanha se espalhassem para outros países, estava determinado a destruí-lo. Criou ódio contra a Alemanha em toda a Europa, ao reavivar antigas queixas. Também explorou a inveja que alguns europeus sentiam em relação à Alemanha.

A elevada taxa de natalidade dos alemães fez da Alemanha o país mais populoso da Europa Ocidental. Em ciência e tecnologia, a Alemanha estava à frente tanto da França quanto da Grã-Bretanha. Hitler havia transformado a Alemanha em uma potência econômica. Esse foi o “crime” de Hitler, e o Establishment britânico optou por destruir Hitler e a Alemanha por qualquer meio.

Os britânicos manipularam o governo polonês contra a Alemanha. Os próprios poloneses estavam mais do que dispostos a viver em paz com os alemães. Em vez disso, os infelizes poloneses foram conduzidos à guerra pelos britânicos. Não se deve esquecer que um milhão e meio de alemães viviam na Polônia na época, contribuindo significativamente para a economia polonesa. Além dos laços econômicos com a Alemanha, os poloneses viam uma oportunidade de, com a ajuda alemã, recuperar seus territórios poloneses da União Soviética, territórios que tentavam recuperar sem sucesso desde 1919.

Em janeiro de 1939, Hitler propôs a Beck, o líder polonês, um compromisso para resolver a questão de Danzig: o voto dos habitantes de Danzig para retornar à Alemanha seria respeitado, e a Polônia continuaria a ter acesso livre ao porto e suas instalações, garantidos por tratado.

A noção predominante na época de que todo país deve ter um porto marítimo realmente não faz sentido. Suíça, Hungria e outros países sem portos marítimos se saem muito bem. As propostas de Hitler baseavam-se nos princípios de autodeterminação e reciprocidade. Até Churchill admitiu que tal solução poderia resolver o problema de Danzig. Essa admissão, porém, não o impediu de enviar um ultimato à Alemanha: retirada da Polônia ou guerra. O mundo viu recentemente o que aconteceu quando Israel invadiu o Líbano. Cidades densamente povoadas como Tiro e Sidon foram destruídas, assim como o oeste de Beirute. Todos pediram a retirada

de Israel, mas ninguém declarou guerra a Israel quando ele se recusou a ceder.

Com um pouco de paciência, teria sido encontrada uma solução pacífica para Danzig. Em vez disso, a imprensa internacional lançou uma campanha massiva de mentiras e distorções contra Hitler. Suas propostas foram intencionalmente deturpadas por um incessante ataque da imprensa.

De todos os crimes da Segunda Guerra Mundial, quase nunca se ouve falar dos massacres em larga escala que ocorreram na Polônia pouco antes da guerra. Tenho relatórios detalhados em meus arquivos documentando o extermínio em massa de alemães indefesos na Polônia.

Milhares de homens, mulheres e crianças alemães foram massacrados da forma mais horrenda por multidões enfurecidas pela imprensa. As fotografias desses massacres são demasiado repulsivas para serem vistas! Hitler decidiu interromper o extermínio e correu ao resgate.

A campanha polonesa revelou Hitler como um gênio militar. A história já começava a reconhecer esta característica mais surpreendente de Hitler: seu raro gênio militar. Todas as campanhas militares bem-sucedidas do Terceiro Reich foram concebidas e dirigidas pessoalmente por Hitler, e não pelo Estado-Maior Conjunto. Hitler inspirou diversos generais que se tornaram seus executivos mais competentes em campanhas posteriores.

No que diz respeito à campanha polonesa, o Estado-Maior havia planejado uma ofensiva ao longo da costa do Báltico para tomar Danzig, um plano logicamente fadado ao fracasso. Em vez disso, Hitler inventou a Blitzkrieg, ou guerra relâmpago, e em pouco tempo capturou Varsóvia. A Waffen SS apareceu na Frente Polonesa e seu desempenho impressionou o mundo.

A segunda campanha na França também foi rápida e humana. As forças britânicas e francesas correram para a Holanda e a Bélgica para conter o avanço alemão, mas foram superadas e flanqueadas em Sedan. Tudo terminou em questão de dias.

Diz-se que Hitler não teve nada a ver com essa operação; que teria sido todo o trabalho do General von Manstein. Isso é totalmente falso. O

Marechal von Manstein de fato concebeu a ideia, mas quando a submeteu ao Estado-Maior Conjunto, foi repreendido, rebaixado e aposentado em Dresden. O Estado-Maior não havia levado esse incidente específico à atenção de Hitler. Por conta própria, Hitler conduziu uma campanha nos mesmos moldes e derrotou as forças britânicas e francesas. Só em março de 1940 von Manstein entrou em contato com Hitler.

Hitler também planejou as campanhas nos Bálcãs e na Rússia. Nas raras ocasiões em que Hitler permitiu que o Estado-Maior agisse à sua maneira, como em Kursk, a batalha foi perdida.

Na campanha polonesa de 1939, Hitler não se baseou em teorias militares de livros didáticos elaboradas cinquenta anos antes, como defendia o Estado-Maior, mas em seu próprio plano de rápido cerco em tenaz. Em oito dias a guerra na Polônia foi vencida e encerrada, apesar de a Polônia ter o tamanho da França.

Na campanha de oito dias, três regimentos da SS entraram em ação: a Leibstandarte, a Deutschland e a Germania. Havia também um batalhão de motociclistas da SS, um corpo de engenheiros e uma unidade de transmissão. Ao todo, tratava-se de uma força completa, porém pequena, de 25.000 homens.

Sepp Dietrich e sua Leibstandarte, após saírem da Silésia, dividiram a Polônia em duas partes em poucos dias. Com menos de 3.000 homens, derrotou uma força polonesa de 15.000 e fez 10.000 prisioneiros. Tais vitórias não foram alcançadas sem perdas.

É difícil imaginar que, de um total de um milhão de homens da SS, 352.000 foram mortos em combate e outros 50.000 ficaram desaparecidos. É uma cifra sombria! Quatrocentos mil dos melhores jovens da Europa! Sem hesitação, sacrificaram-se por suas convicções. Sabiam que precisavam dar exemplo. Eram os primeiros na linha de frente como forma de defender seu país e seus ideais.

Em vitória ou derrota, a Waffen SS sempre buscou ser a melhor representante de seu povo. A SS era uma expressão democrática do poder: pessoas reunidas por sua própria vontade.

O consentimento da urna não é apenas isso; há também o consentimento do coração e da mente dos homens. Em ação, a Waffen SS fez um plebiscito: o povo alemão deveria orgulhar-se deles, dar-lhes respeito e amor. Tal motivação elevada fez dos voluntários da Waffen SS os melhores combatentes do mundo.

A SS se provou em ação. Não eram políticos de palavras vazias, mas deram suas vidas, sendo os primeiros a ir para a luta em um extraordinário surto de camaradagem. Essa camaradagem foi uma das características mais distintivas da SS: o líder da SS era camarada dos demais.

Era nas linhas de frente que os resultados do treinamento físico da SS realmente se faziam notar. Um oficial da SS recebia o mesmo treinamento rigoroso que os soldados. Oficiais e praças competiam nos mesmos eventos esportivos, e apenas o melhor vencia, independentemente da patente. Isso criava uma verdadeira irmandade que energizava toda a Waffen SS. Somente o trabalho em equipe de homens livres, unidos por um ideal superior, podia unir a Europa. Olhe para o Mercado Comum de hoje: é um fracasso. Não há um ideal unificador. Tudo se baseia em pechinchas sobre o preço de tomates, aço, carvão ou bebidas alcoólicas. Uniões frutíferas se apoiam em algo um pouco mais elevado do que isso.

A relação de igualdade e respeito mútuo entre soldados e oficiais estava sempre presente. Metade de todos os comandantes de divisão foi morta em combate. Metade! Não existe outro exército no mundo onde isso tenha acontecido. O oficial da SS sempre liderava suas tropas na batalha. Estive envolvido em setenta e cinco combates corpo a corpo porque, como oficial da SS, eu precisava ser o primeiro a enfrentar o inimigo. Os soldados da SS não eram enviados para o massacre por oficiais atrás das linhas; seguiam seus oficiais com lealdade apaixonada. Todo comandante da SS conhecia e instruía todos os seus homens, e muitas vezes recebia respostas inesperadas.

Após romper o cerco de Tcherkassy, conversei com todos os meus soldados, um a um; havia milhares na época. Durante duas semanas, todos os dias, do amanhecer ao anoitecer, fiz perguntas e ouvi suas respostas. Às vezes acontece que alguns soldados que se gabam um pouco recebem

medalhas, enquanto outros — heróis — que permanecem discretos ficam sem reconhecimento. Conversei com todos porque queria saber em primeira mão o que havia acontecido e o que eles tinham feito. Para ser justo, precisava conhecer a verdade.

Foi nessa ocasião que dois dos meus soldados, de repente, mostraram suas carteiras de identidade da Resistência Belga. Tinham sido enviados para me matar. Na linha de frente, é muito fácil atirar nas costas de alguém. Mas o extraordinário espírito de equipe da SS os conquistou. Os oficiais da SS podiam esperar a lealdade de seus homens pelo próprio exemplo.

A expectativa de vida de um oficial da SS na frente era de três meses. Na Estônia, recebi dez novos jovens oficiais da academia de Bad Toelz numa segunda-feira; na quinta-feira, apenas um permanecia, e ele estava ferido.

Nos exércitos convencionais, os oficiais falavam com os homens de cima para baixo, raramente como irmãos em combate e irmãos na ideologia.

Assim, em 1939, a Waffen SS já havia conquistado admiração e respeito generalizados. Isso deu a Hitler a oportunidade de pedir o aumento de suas tropas. Em vez de regimentos, haveria três divisões.

Novamente, a alta cúpula do Exército estabeleceu condições draconianas para o recrutamento: um SS só poderia ingressar com um mínimo de quatro anos de serviço de combate. A cúpula achava que ninguém aceitaria esse risco. Mais uma vez, estavam enganados.

Somente no mês de fevereiro de 1940, 49.000 homens se juntaram à SS. De 25.000 em setembro de 1939, o número chegaria a 150.000 em maio de 1940.

Assim, de 180 para 8.000, para 25.000, para 150.000 e, eventualmente, para um milhão de homens — tudo isso contra todas as probabilidades.

Hitler, contudo, não tinha nenhum interesse em se envolver na guerra na França, uma guerra que lhe foi imposta.

As 150.000 SS tiveram de servir sob o Exército e receberam as missões mais perigosas e difíceis, apesar de estarem equipados com armamentos e equipamentos inferiores. Não tinham tanques. Em 1940, a Leibstandarte recebeu apenas alguns tanques de reconhecimento. As SS dispunham apenas de veículos com rodas, e só isso. Mas com caminhões, motocicletas e meios limitados variados, conseguiram realizar feitos impressionantes.

Os regimentos Leibstandarte e Der Führer foram enviados à Holanda sob a liderança de Sepp Dietrich. Eles precisavam atravessar vias navegáveis holandesas. A Luftwaffe havia lançado paraquedistas para proteger as pontes a 120 milhas no interior do território holandês, e era vital que a SS chegasse a essas pontes com a máxima rapidez.

A Leibstandarte realizou um feito sem precedentes em dez dias: avançar 120 milhas em um único dia. Isso era inimaginável na época, e o mundo ficou estupefato. Nesse ritmo, as tropas alemãs poderiam alcançar a Espanha em uma semana. Em apenas um dia, a SS atravessou todos os canais holandeses em frágeis botes de borracha. Novamente, as perdas da SS foram pesadas. Mas, graças ao heroísmo e à velocidade, o Exército alemão alcançou Roterdã em três dias. Os paraquedistas teriam corrido o risco de serem aniquilados se a SS não tivesse cumprido seu ataque relâmpago.

Na Bélgica, o regimento SS Der Führer enfrentou de frente o Exército francês, que, após cair na armadilha de Sedan, havia se precipitado em direção a Breda, na Holanda. Ali, pela primeira vez, foi possível ver um pequeno exército derrotar um grande exército nacional. Um regimento da SS, juntamente com algumas tropas alemãs, conseguiu desestabilizar todo o Exército francês e forçá-lo a recuar de Breda até Antuérpia, na Bélgica, e o norte da França.

Os regimentos Leibstandarte e Der Führer avançaram conjuntamente pelas grandes Ilhas de Zelândia, entre os rios Escalda e Reno. Em poucos dias, essas regiões estariam sob controle.

Rapidamente, a Leibstandarte atravessou a Bélgica e o norte da França. A segunda grande batalha envolvendo regimentos da SS ocorreu em conjunto com a divisão de tanques do Exército. A SS, agora equipada com tanques, estava sob o comando do General Rommel e do General Guderian, liderando o avanço em direção ao Mar do Norte.

Sepp Dietrich e suas tropas haviam atravessado os canais franceses, mas ficaram encurralados pelo inimigo em um terreno lamacento, conseguindo escapar da destruição por pouco. Apesar das pesadas perdas — muitos soldados, oficiais e um comandante de batalhão mortos em combate —, os alemães alcançaram Dunquerque.

Hitler sentiu-se extremamente orgulhoso deles.

Na semana seguinte, Hitler os posicionou ao longo do rio Sena, de onde avançariam por toda a França. Mais uma vez, a SS provaria ser a melhor força de combate do mundo. Sepp Dietrich e a 2ª Divisão da SS, Totenkopf, avançaram tão rápido e tão longe que perderam contato com o restante do Exército por três dias.

Eles chegaram a Lyon, na França, cidade que tiveram de deixar após o tratado de paz franco-alemão. Sepp Dietrich e um pequeno grupo de homens da SS em caminhões haviam alcançado o impossível.

A divisão Der Führer da SS liderou a ruptura da Linha Maginot. Todos diziam que a Linha era impenetrável. A guerra na França terminou. Hitler fez as três divisões da SS marcharem por Paris. Berlim também homenageou os heróis. Mas o Exército, tomado de ciúmes, recusou-se a citar qualquer membro da SS por valor ou bravura. Foi o próprio Hitler quem, diante do congresso alemão, prestou solenemente homenagem ao heroísmo da SS. Nessa ocasião, Hitler reconheceu oficialmente o nome de Waffen SS.

Mas não se tratava apenas de uma mudança de nome. A Waffen SS tornou-se pan-germânica, aceitando voluntários de todos os países

germânicos. A SS percebeu por si mesma que os povos da Europa Ocidental eram intimamente relacionados a eles: noruegueses, dinamarqueses, holandeses, flamengos — todos pertenciam à mesma família germânica. Esses povos germânicos ficaram profundamente impressionados com a SS, e, a propósito, os franceses também.

O povo da Europa Ocidental admirava essa força alemã extraordinária, com um estilo sem igual: se dois batedores da SS chegassem a uma cidade à frente de todos, em motocicletas, antes de se apresentarem às autoridades locais, primeiro se aprontavam, de modo a estarem impecavelmente apresentados. O povo não podia deixar de se impressionar.

A admiração sentida pelos jovens europeus de origem germânica pela SS era algo muito natural. Milhares de jovens da Noruega, Dinamarca, Flandres e Holanda ficaram surpresos e admirados. Sentiam-se irresistivelmente atraídos pela SS. Não era a Europa, mas a própria raça germânica que tocava profundamente suas almas. Eles se identificavam com os alemães vitoriosos. Para eles, Hitler era o homem mais excepcional já visto. Hitler os compreendia e teve a ideia notável de abrir as portas da SS para eles. Foi uma iniciativa bastante arriscada. Ninguém jamais havia pensado nisso antes. Antes de Hitler, o imperialismo alemão consistia apenas em comercializar produtos com outros países, sem qualquer preocupação em criar uma ideologia chamada “comunidade” — um ideal comum com os vizinhos.

De repente, em vez de negociar e pechinchar, havia um homem que oferecia um ideal glorioso: uma justiça social fascinante, pela qual todos haviam ansiado em vão por anos. Uma ampla Nova Ordem, em contraste com o cosmopolitismo amorfo das chamadas “democracias” pré-guerra. A resposta à proposta de Hitler foi avassaladora. Legiões da Noruega, Dinamarca, Holanda e Flandres foram formadas. Milhares de jovens passaram a vestir o uniforme da SS. Hitler criou especificamente para eles a famosa divisão Viking, destinada a se tornar uma das divisões mais formidáveis da Waffen SS.

O Exército ainda fazia de tudo para impedir que homens se juntassem à SS na Alemanha e agia como se a SS não existisse. Nesse contexto de obstrução interna, era natural e compreensível que a SS recebesse de braços abertos homens de fora da Alemanha.

Os alemães vivendo no exterior forneceram uma fonte rica de voluntários. Assim como havia milhões de germano-americanos, havia milhões de alemães em todas as partes da Europa — na Hungria, na Romênia, na Rússia. Havia até mesmo uma República Soviética dos Alemães do Volga. Eram descendentes de alemães que haviam emigrado dois séculos antes. Outros europeus, como os huguenotes franceses que se estabeleceram na Prússia, também compartilhavam esse tipo de emigração com os alemães. Assim, a Europa estava pontilhada de colônias alemãs. As vitórias da Terceira Reich os encheram de orgulho por pertencer à família alemã. Hitler os recebeu de volta. Ele os via, primeiro, como uma fonte de homens de elite para a SS e, também, como um fator importante na unificação ideológica de todos os alemães.

Mais uma vez, a resposta entusiástica foi impressionante. Trezentos mil voluntários de ascendência alemã se juntariam, vindos de toda a Europa, 54 mil somente da Romênia. No contexto daquela época, esses números eram notáveis. Havia inúmeros problemas a serem superados. Por exemplo, a maioria dos voluntários germânicos não falava mais alemão. Suas famílias haviam se estabelecido em terras estrangeiras há cerca de 200 anos. Na Espanha, por exemplo, vejo os filhos de meus legionários sendo assimilados pelos espanhóis — e seus netos já não falam francês. Os alemães seguem o mesmo padrão. Quando os voluntários alemães chegaram à SS, falavam muitas línguas diferentes, tinham modos e necessidades distintas.

Como encontrar oficiais que pudessem falar todas essas línguas? Como coordenar um grupo tão diverso? O domínio desses problemas foi o milagre do programa de assimilação da Waffen SS. Esse retorno das "tribos" separadas foi visto pela Waffen SS como a base para a verdadeira unidade europeia. Os 300 mil voluntários

germânicos foram acolhidos pela SS como irmãos, e retribuíram sendo tão dedicados, leais e heroicos quanto os alemães da SS.

Em menos de um ano, tudo havia mudado para a Waffen SS. As casernas estavam cheias, as academias lotadas. Os padrões e requisitos de admissão mais rigorosos se aplicavam igualmente aos voluntários germânicos. Eles tinham de ser os melhores em todos os aspectos, física e mentalmente. Tinham de ser os melhores da raça germânica.

O racismo alemão foi deliberadamente deturpado. Nunca se tratou de um racismo anti-“outra raça”. Era um racismo pró-alemão. Tinha como objetivo tornar a raça alemã forte e saudável em todos os aspectos. Hitler não estava interessado em ter milhões de degenerados, se estivesse ao seu alcance evitá-los. Hoje, vê-se por toda parte o alcoolismo e a dependência de drogas em níveis alarmantes. Hitler preocupava-se com a saúde das famílias alemãs, com a criação de filhos saudáveis para a renovação de uma nação saudável. O racismo alemão significava redescobrir os valores criativos de sua própria raça, redescobrir sua cultura. Era uma busca pela excelência, uma ideia nobre. O racismo nacional-socialista não era contra outras raças, era a favor de sua própria raça. Tinha como objetivo defender e melhorar sua raça e desejava que todas as outras raças fizessem o mesmo por si próprias.

Isso ficou demonstrado quando a Waffen SS ampliou suas fileiras para incluir 60.000 membros islâmicos. A Waffen SS respeitava seu modo de vida, seus costumes e suas crenças religiosas. Cada batalhão islâmico da SS tinha um imã, cada companhia um mulá. Era nosso desejo comum que suas qualidades encontrassem sua mais alta expressão. Isso era nosso racismo. Estive presente quando cada um de meus camaradas islâmicos recebeu um presente pessoal de Hitler durante o ano-novo: um pendente com um pequeno Alcorão. Hitler os honrava com esse pequeno presente simbólico. Ele os honrava com o que era o aspecto mais importante de suas vidas e de sua história. O racismo nacional-socialista era leal à raça alemã e respeitava totalmente todas as outras raças.

Neste ponto, ouve-se: “E quanto ao racismo anti-judeu?” Pode-se responder: “E quanto ao anti-gentilismo judaico?”

Tem sido o infortúnio da raça judaica que nunca conseguiu conviver harmonicamente com qualquer outra raça. É um fato histórico e fenômeno incomum. Quando se estuda a história — e digo isso sem qualquer paixão — do povo judeu, sua evolução ao longo dos séculos, observa-se que sempre, em todos os tempos e lugares, eles foram odiados. Foram odiados no antigo Egito, na Grécia antiga, na época romana a tal ponto que 3.000 deles foram deportados para a Sardenha. Foi a primeira deportação judaica. Foram odiados na Espanha, na França, na Inglaterra (onde foram banidos por séculos) e na Alemanha. O autor judeu consciencioso Lazare escreveu um livro muito interessante sobre o Antissemitismo, onde se perguntava: “Nós, judeus, deveríamos nos perguntar: por que somos sempre odiados em todos os lugares? Não é por causa de nossos perseguidores, todos de tempos e lugares diferentes. É porque há algo dentro de nós que é muito desagradável.” O que é desagradável é que os judeus sempre quiseram viver como uma classe privilegiada, divinamente escolhida e acima de escrutínio. Essa atitude os tornou desagradáveis em todos os lugares. A raça judaica é, portanto, um caso único. Hitler não tinha intenção de destruí-la. Ele queria que os judeus encontrassem sua própria identidade em seu próprio ambiente, mas sem prejudicar os outros. A luta — se assim podemos chamá-la — do Nacional-Socialismo contra os judeus se limitava puramente a um objetivo: que os judeus deixassem a Alemanha em paz. Planejava-se lhes dar um país próprio, fora da Alemanha. Madagascar foi cogitado, mas os planos foram abandonados quando os Estados Unidos entraram na guerra. Enquanto isso, Hitler pensava em permitir que os judeus vivessem em seus próprios guetos tradicionais. Eles teriam suas próprias organizações, administrariam seus próprios assuntos e viveriam do modo que desejassem. Teriam sua própria polícia, seus próprios bondes, sua própria bandeira, suas próprias fábricas, que, a propósito, foram construídas pelo governo alemão. Quanto às demais raças, todas eram bem-vindas na Alemanha como hóspedes, mas não como ocupantes privilegiados.

Em um ano, a Waffen SS havia reunido um grande número de pessoas germânicas do Norte da Europa e centenas de milhares de alemães vindos de fora da Alemanha, os Volksdeutsche, ou SS germânica. Foi então que o

conflito entre o Comunismo e o Nacional-Socialismo irrompeu abertamente. O conflito sempre existira. Em *Mein Kampf*, Hitler havia claramente exposto seu objetivo: “eliminar a ameaça mundial do Comunismo” e, incidentalmente, reivindicar algumas terras no Leste Europeu! Esse expansionismo para o leste gerou grande indignação: como poderiam os alemães reivindicar terras na Rússia? A isso se pode responder: como poderiam os americanos reivindicar terras indígenas do Atlântico ao Pacífico? Como poderia a França reivindicar o Sul da Flandres e Roussillon da Espanha? E a Grã-Bretanha, e tantos outros países que reivindicaram, conquistaram e se estabeleceram em outros territórios? De alguma forma, na época, tudo isso era aceitável para esses países, mas não para a Alemanha.

Pessoalmente, sempre defendi vigorosamente os russos e, finalmente, consegui convencer Hitler de que os alemães deveriam conviver com os russos como parceiros, e não como conquistadores. Antes de se alcançar essa parceria, havia primeiro a questão de eliminar o Comunismo. Durante o Pacto soviético-alemão, Hitler tentava ganhar tempo, mas os soviéticos intensificavam seus atos de agressão da Estônia à Bucovina. Agora, leio trechos de documentos soviéticos. Eles são bastante reveladores. Vamos ler do próprio Marechal Voroshilov:

Agora temos tempo para nos preparar para ser o carrasco do mundo capitalista enquanto ele agoniza. Devemos, porém, ser cautelosos. Os alemães não podem suspeitar que estamos nos preparando para apunhalá-los pelas costas enquanto estão ocupados lutando contra os franceses. Caso contrário, poderiam alterar seu plano geral e nos atacar.

No mesmo registro, o Marechal Choupanov escreveu: “A coexistência entre a Alemanha de Hitler e a União Soviética é apenas temporária. Não a faremos durar muito tempo.” O Marechal Timoshenko, por sua vez, não queria ser tão precipitado: “Não nos esqueçamos de que nosso material de guerra das fábricas da Sibéria só será entregue no outono.” Isto foi escrito no início de 1941, e o material só seria entregue no outono. O relatório do Comissariado da Indústria de Guerra declarava: “Não estaremos em produção plena até 1942.” O Marechal Zhukov fez

esta extraordinária admissão: “Hitler está com pressa para nos invadir; ele tem bons motivos para isso.”

De fato, Hitler tinha bons motivos para invadir a Rússia com pressa, pois percebeu que seria destruído se não o fizesse. Zhukov acrescentou: “Precisamos de alguns meses a mais para corrigir muitas de nossas deficiências antes do final de 1941. Precisamos de 18 meses para completar a modernização de nossas forças.”

As ordens eram bastante precisas. Na quarta sessão do Soviete Supremo, em 1939, foi decretado que os oficiais do Exército cumpririam três anos de serviço, os soldados quatro anos, e o pessoal da Marinha, cinco anos. Todas essas decisões foram tomadas menos de um mês após os soviéticos assinarem o tratado de paz com a Alemanha.

Assim, os soviéticos, comprometidos com a paz, estavam freneticamente se preparando para a guerra. Mais de 2.500 novas fortificações de concreto foram construídas entre 1939 e 1940. 160 divisões foram colocadas em prontidão de combate. 60 divisões de tanques estavam em alerta total. Os alemães tinham apenas 10 divisões Panzer. Em 1941, os soviéticos possuíam 17.000 tanques, e em 1942, 32.000. Tinham 92.578 peças de artilharia. E seus 17.545 aviões de combate em 1940 superavam a força aérea alemã.

É fácil compreender que, com tais preparativos de guerra em andamento, Hitler ficou com apenas uma opção: invadir imediatamente a União Soviética ou enfrentar a aniquilação.

A campanha de Hitler na Rússia foi a “campanha da última chance”. Hitler não entrou na Rússia com grande otimismo. Mais tarde ele me disse: “Quando entrei na Rússia, era como um homem diante de uma porta fechada. Eu sabia que tinha que arrombá-la, mas sem saber o que havia atrás dela.” Hitler estava certo. Ele sabia que os soviéticos eram fortes, mas, acima de tudo, sabia que iriam se tornar muito mais fortes. 1941 foi a única vez em que Hitler teve um pouco de respiro. Os britânicos ainda não haviam conseguido expandir a guerra. Hitler, que nunca quis a guerra com a Grã-Bretanha, ainda tentava a paz. Ele me convidou para passar uma

semana em sua casa. Queria discutir toda a situação e ouvir o que eu tinha a dizer sobre ela. Falava de maneira muito simples e clara. A atmosfera era informal e relaxada. Ele fazia você se sentir em casa porque realmente gostava de ser hospitaleiro. Passava manteiga nas fatias de pão de forma de maneira tranquila e as distribuía, e, embora não bebesse, ia buscar uma garrafa de champanhe após cada refeição porque sabia que eu apreciava um copo ao final dela. Tudo isso sem alarde e com genuína cordialidade. Fazia parte de seu gênio ser também um homem de maneiras simples, sem a menor afetação, e um homem de grande humildade. Conversamos sobre a Inglaterra. Perguntei-lhe sem rodeios: “Por que diabos você não acabou com os britânicos em Dunquerque? Todos sabiam que você poderia tê-los aniquilado.” Ele respondeu: “Sim, contive minhas tropas e deixei os britânicos escaparem de volta para a Inglaterra. A humilhação de uma derrota assim teria dificultado qualquer tentativa de paz com eles depois.”

Ao mesmo tempo, Hitler me disse que não queria desfazer a crença soviética de que ele iria invadir a Inglaterra. Mencionou que chegou a distribuir pequenos dicionários anglo-alemães às suas tropas na Polônia. Os espiões soviéticos ali devidamente reportaram ao Kremlin que a presença da Alemanha na Polônia era um blefe e que estavam prestes a se deslocar para as Ilhas Britânicas.

Em 22 de junho de 1941, foi a Rússia, e não a Inglaterra, que a Alemanha invadiu. As vitórias iniciais foram rápidas, mas custosas. Vivi a épica luta da Frente Russa. Foi uma epopeia trágica; foi também um martírio. Os intermináveis milhares de quilômetros das estepes russas eram esmagadores. Tivemos de alcançar o Cáucaso a pé, sempre sob condições extremas. No verão, muitas vezes caminhávamos com lama até os joelhos, e no inverno enfrentávamos temperaturas abaixo de zero. Mas por alguns dias apenas, Hitler teria vencido a guerra na Rússia em 1941. Antes da batalha de Moscou, Hitler havia conseguido derrotar o Exército Soviético e tomar considerável número de prisioneiros.

A divisão de tanques do General Guderian, que sozinha havia cercado mais de um milhão de tropas soviéticas perto de Kiev, chegou a Moscou até as linhas do bonde da cidade. Foi então que ocorreu um congelamento

inacreditável: 40, 42, 50 graus Celsius abaixo de zero! Isso significava que não apenas os homens estavam congelando, mas o equipamento também. Nenhum tanque podia se mover. A lama de ontem havia se transformado em um bloco sólido de gelo, meio metro de altura, congelando as esteiras dos tanques.

Em 24 horas, todas as nossas opções táticas foram revertidas. Foi nesse momento que massas de tropas siberianas, trazidas do Extremo Oriente Russo, foram lançadas contra os alemães. Esses poucos dias fatais de gelo fizeram a diferença entre vitória e derrota. Hitler atribuía essa situação à campanha italiana na Grécia, durante o outono de 1940.

Mussolini estava invejoso dos sucessos de Hitler. Era uma inveja profunda e silenciosa. Eu era amigo de Mussolini, conhecia-o bem. Ele era um homem notável, mas a Europa não lhe preocupava grandemente. Ele não gostava de ser um espectador, vendo Hitler vencer em todos os lugares. Sentiu-se compelido a agir ele mesmo, rapidamente. Impulsivamente, lançou uma ofensiva sem sentido contra a Grécia.

Suas tropas foram imediatamente derrotadas. Mas isso deu aos britânicos a desculpa para invadir a Grécia, que até então não estava envolvida na guerra. A partir da Grécia, os britânicos podiam bombardear os poços de petróleo da Romênia, vitais para o esforço de guerra da Alemanha. A Grécia também poderia ser usada para cortar o avanço das tropas alemãs a caminho da Rússia. Hitler foi forçado a eliminar a ameaça preventivamente. Ele teve que desperdiçar cinco semanas nos Bálcãs. Suas vitórias lá foram uma realização logística incrível, mas atrasaram o início da campanha russa por cinco semanas críticas.

Se Hitler tivesse conseguido iniciar a campanha a tempo, como planejado, ele teria entrado em Moscou cinco semanas antes, sob o sol do início do outono, quando a terra ainda estava seca. A guerra teria acabado, e a União Soviética teria deixado de existir. A combinação do congelamento repentino e da chegada de tropas frescas da Sibéria espalhou pânico entre alguns dos antigos generais do Exército. Eles queriam recuar 200 milhas de Moscou. É difícil imaginar tal estratégia insensata! O frio afetava a Rússia igualmente, de oeste a leste, e recuar 200 milhas nas

estepes abertas só pioraria a situação. Eu comandava minhas tropas na Ucrânia na época, e estava a 42 graus Celsius abaixo de zero.

Tal recuo significaria abandonar toda a artilharia pesada, incluindo tanques de assalto e panzers presos no gelo. Também significaria expor meio milhão de homens a intensos tiros de franco-atiradores soviéticos. Na verdade, seria condená-los à morte certa. Basta recordar a retirada de Napoleão em outubro: ele chegou ao rio Berezina em novembro, e em 6 de dezembro todas as tropas francesas haviam deixado a Rússia. Estava frio, mas não era uma campanha de inverno.

Você consegue imaginar, em 1941, meio milhão de alemães enfrentando tempestades de neve uivantes, cortados dos suprimentos e atacados de todos os lados por dezenas de milhares de cossacos? Eu já enfrentei cossacos em carga, e apenas o poder de fogo extremamente superior consegue detê-los. Para conter tal recuo insano, Hitler teve que demitir mais de 30 generais em apenas alguns dias.

Foi então que ele convocou a Waffen SS para preencher a lacuna e elevar o moral. Imediatamente, a SS manteve firme a frente de Moscou. Durante toda a guerra, a Waffen SS jamais recuou. Preferiam morrer a recuar. Não se pode esquecer os números: no inverno de 1941, a Waffen SS perdeu 43.000 homens em frente a Moscou. O regimento Der Fuehrer lutou quase literalmente até o último homem. Apenas 35 homens sobreviveram de todo o regimento. Os homens do Der Fuehrer mantiveram a posição e nenhuma tropa soviética conseguiu avançar. Eles tiveram que tentar contornar a SS na neve. Foi assim que o famoso general russo Vlasov foi capturado pela divisão Totenkopf da SS. Sem seu heroísmo, a Alemanha teria sido aniquilada em dezembro de 1941.

Hitler jamais se esqueceu disso: ele avaliou a força de vontade que a Waffen SS demonstrou em frente a Moscou. Eles mostraram caráter e coragem. E isso era o que Hitler mais admirava: coragem. Para ele, não bastava ter associados inteligentes ou astutos. Essas pessoas frequentemente desmoronam, como veremos no inverno seguinte, na batalha de Stalingrado com o general Paulus.

Hitler sabia que apenas energia pura e coragem, a recusa em se render, a vontade de resistir contra todas as probabilidades, venceria a guerra.

As nevascas das estepes russas mostraram como o melhor exército do mundo, o Exército Alemão, com milhares de oficiais altamente treinados e milhões de homens disciplinados, simplesmente não era suficiente. Hitler percebeu que eles seriam derrotados, que algo mais era necessário, e que apenas a fé inabalável em um ideal superior poderia superar a situação. A Waffen SS possuía esse ideal, e Hitler a utilizou a partir de então em plena capacidade.

De todas as partes da Europa, voluntários se apressaram para ajudar seus irmãos alemães. Foi então que nasceu a terceira grande Waffen SS. Primeiro houve a alemã, depois a germânica, e agora surgia a Waffen SS europeia. 125.000 voluntários se alistaram para salvar a Cultura e a Civilização Ocidental. Os voluntários se juntaram com pleno conhecimento de que a SS sofria as maiores baixas em combate. Mais de 250.000 de um milhão morreriam em ação. Para eles, a Waffen SS representava, apesar de todas as mortes, o nascimento da Europa. Napoleão disse em Santa Helena: “Não haverá Europa até que surja um líder.”

Os jovens voluntários europeus observaram duas coisas: primeiro, que Hitler era o único líder capaz de construir a Europa; e segundo, que Hitler, e somente Hitler, poderia derrotar a ameaça mundial do Comunismo.

Para a Waffen SS europeia, a Europa das pequenas rivalidades, do chauvinismo, das disputas fronteiriças e das concorrências econômicas não tinha interesse algum. Era uma Europa mesquinha e degradante; para eles, aquela Europa já não tinha validade. Ao mesmo tempo, a Waffen SS europeia, por mais que admirasse Hitler e o povo alemão, não queria se tornar alemã. Eram homens de seus próprios povos, e a Europa era a reunião dos diversos povos europeus. A unidade europeia deveria ser alcançada por meio da harmonia, e não pela dominação de uns sobre os outros.

Discuti essas questões extensivamente com Hitler e Himmler. Hitler, como todo homem de gênio, havia ultrapassado a esfera nacional. Napoleão foi primeiro corsicano, depois francês, depois europeu e, por fim, um homem singularmente universal. De igual modo, Hitler fora primeiro austríaco, depois alemão, depois grande alemão, depois germânico, até que percebeu e compreendeu a magnitude de construir a Europa.

Após a derrota do Comunismo, a Waffen SS tinha o dever solene de reunir todos os seus esforços e forças para construir uma Europa unida, e não havia dúvida de que a Europa não alemã deveria ser dominada pela Alemanha.

Antes de ingressarmos na Waffen SS, já havíamos enfrentado conflitos muito difíceis. Tínhamos ido à Frente Oriental inicialmente como unidades adjuntas do exército alemão, mas durante a batalha de Stalingrado vimos que a Europa estava criticamente ameaçada. Um grande esforço comum era imperativo. Uma noite, tive um debate de oito horas com Hitler e Himmler sobre o status dos europeus não alemães na nova Europa.

Para o momento, esperávamos ser tratados como iguais, lutando por uma causa comum. Hitler compreendeu plenamente, e a partir de então tivemos nossa própria bandeira, nossos próprios oficiais, nossa própria língua, nossa própria religião. Tínhamos status totalmente igualitário.

Fui o primeiro a ter padres católicos na Waffen SS. Mais tarde, padres de todas as denominações estavam disponíveis para todos os que os desejassem. A divisão islâmica da SS tinha seus próprios mullahs, e os franceses até tinham um bispo! Sentíamos que, com Hitler, os europeus seriam federados como iguais. E acreditávamos que a melhor forma de merecer nosso lugar como iguais, nessa hora crítica, era defender a Europa tão bem quanto nossos camaradas alemães.

O que mais importava para Hitler era a coragem. Ele criou uma nova cavalaria. Aqueles que conquistavam a ordem do Ritterkreuz, ou seja, a cruz dos cavaleiros, eram de fato os novos cavaleiros. Eles conquistavam

essa nobreza da coragem. Cada uma de nossas unidades, ao voltar para casa após a guerra, seria a força que protegeria os direitos dos povos em nossos respectivos países. Todos na SS compreendiam que a unidade europeia abrangia toda a Europa, inclusive a Rússia.

Havia uma grande falta de conhecimento entre muitos alemães sobre os russos. Muitos acreditavam que todos os russos eram comunistas, enquanto, na realidade, a representação russa na hierarquia comunista era quase insignificante. Também se pensava que os russos eram diametralmente opostos aos europeus. No entanto, eles compartilham estruturas familiares semelhantes, possuem uma civilização antiga, uma fé religiosa profunda e tradições que não diferem muito das de outros países europeus.

A SS Europeia via a nova Europa formada por três grandes componentes: a Europa Central como o centro de poder da Europa, a Europa Ocidental como o coração cultural da Europa e a Europa Oriental como o potencial da Europa. Assim, a Europa imaginada pela SS era viva e real. Seus seiscentos milhões de habitantes viveriam do Mar do Norte a Vladivostok. Nesse espaço de 8.000 milhas, a Europa poderia cumprir seu destino. Um espaço para os jovens iniciarem novas vidas. Essa Europa seria o farol do mundo. Um notável conjunto racial. Uma civilização antiga, uma força espiritual e o mais avançado complexo tecnológico e científico. A SS se preparava para o alto destino da Europa.

Compare esses objetivos, esses ideais, com os dos "Aliados". Os Roosevelts e Churchills entregaram a Europa em Teerã, Yalta e Potsdam. Capitularam servilmente diante dos soviéticos. Entregaram metade do continente europeu à escravidão comunista. Deixaram o restante da Europa se desintegrar moralmente, sem nenhum ideal que a sustentasse. A SS sabia o que queria: a Europa dos ideais era a salvação para todos.

Essa fé em ideais superiores inspirou quatrocentos mil SS alemães, trezentos mil Volksdeutsche ou SS germânicos e trezentos mil outros SS europeus. Todos voluntários, um milhão de construtores da Europa.

As fileiras da SS cresceram proporcionalmente ao avanço da guerra na Rússia. Quanto mais próxima a Alemanha estava da derrota, mais voluntários chegavam à frente de batalha. Isso foi fenomenal; oito dias antes da derrota final, vi centenas de jovens se alistarem na SS na linha de frente. Até o fim, eles sabiam que precisavam realizar o impossível para deter o inimigo.

Então, da Leibstandarte, que em 1933 tinha apenas cento e oitenta homens, passando pelos regimentos da SS antes de 1939, pelos três regimentos na Polônia, pelas três divisões na França, pelas seis divisões no início da guerra na Rússia, até as 38 divisões em 1944, a Waffen SS alcançou 50 divisões em 1945. Quanto mais SS morriam, mais outros se apressavam para substituí-los. Eles tinham fé e permaneciam firmes até o limite extremo. O exato oposto ocorreu em janeiro de 1943, em Stalingrado. A derrota ali foi decidida por um homem sem coragem. Ele não era capaz de enfrentar o perigo com determinação, de dizer inequivocamente: “Não me renderei, permanecerei firme até vencer.” Ele era moral e fisicamente covarde e perdeu.

Um ano depois, as divisões SS Viking e SS Wallonia foram cercadas da mesma forma em Cherkassy. Com o desastre de Stalingrado ainda fresco na memória de nossos soldados, eles poderiam ter se deixado desmoralizar. Para piorar, eu estava com uma grave ferida lateral e temperatura de 102 graus. Como general no comando das forças SS Wallonia, sabia que tudo isso não era propício ao alto moral. Levantei-me e, por 17 dias, liderei carga após carga para romper o cerco, engajando-me em inúmeros combates corpo a corpo, fui ferido quatro vezes, mas nunca deixei de lutar. Todos os meus homens fizeram o mesmo e até mais. O cerco foi rompido pela pura coragem e espírito da SS.

Após Stalingrado, quando muitos acreditavam que tudo estava perdido, e as forças soviéticas avançavam em toda a Ucrânia, a Waffen SS deteve os soviéticos em seu caminho. Eles retomaram Kharkov e infligiram uma derrota severa ao exército soviético. Esse foi um padrão: a SS repetidamente transformava reveses em vitórias.

A mesma energia destemida também esteve presente na Normandia. O Gen. Patton chamou-os de “as orgulhosas divisões da SS.” A SS foi a espinha dorsal da resistência na Normandia. Eisenhower observou: “a SS lutou, como de costume, até o último homem.”

Se a Waffen SS não tivesse existido, a Europa teria sido totalmente dominada pelos soviéticos em 1944. Eles teriam chegado a Paris muito antes dos americanos. O heroísmo da Waffen SS deteve o imenso avanço soviético em Moscou, Kharkov, Cherkassy e Tarnopol. Os soviéticos perderam mais de 12 meses. Sem a resistência da SS, os soviéticos teriam chegado à Normandia antes de Eisenhower. O povo mostrou profunda gratidão aos jovens que sacrificaram suas vidas. Não desde as grandes ordens religiosas da Idade Média havia existido tamanho idealismo e heroísmo altruístas. Neste século de materialismo, a SS se destaca como um farol de espiritualidade.

Não tenho a menor dúvida de que os sacrifícios e os feitos incríveis da Waffen SS terão seus próprios poetas épicos, como Schiller. A grandeza diante da adversidade é a distinção da SS.

A cortina de silêncio caiu sobre a Waffen SS após a guerra, mas agora, cada vez mais, os jovens de algum modo conhecem sua existência, suas conquistas. A fama está crescendo e os jovens exigem saber mais. Em cem anos, quase tudo será esquecido, mas a grandeza e o heroísmo da Waffen SS serão lembrados. É a recompensa de uma epopeia.

Léon Degrelle.



“O racismo alemão foi deliberadamente deturpado. Nunca se tratou de um racismo anti-“outra raça”. Era um racismo pró-alemão. Tinha como objetivo tornar a raça alemã forte e saudável em todos os aspectos. Hitler não estava interessado em ter milhões de degenerados, se estivesse ao seu alcance evitá-los. Hoje, vê-se por toda parte o alcoolismo e a dependência de drogas em níveis alarmantes. Hitler preocupava-se com a saúde das famílias alemãs, com a criação de filhos saudáveis para a renovação de uma nação saudável. O racismo alemão significava redescobrir os valores criativos de sua própria raça, redescobrir sua cultura. Era uma busca pela excelência, uma ideia nobre. O racismo nacional-socialista não era contra outras raças, era a favor de sua própria raça. Tinha como objetivo defender e melhorar sua raça e desejava que todas as outras raças fizessem o mesmo por si próprias.”